



**REMEMORAR, RESISTIR E REINVENTAR:
O GRUPO DE PESQUISA DOCÊNCIA E CIBERCULTURA (GPDOC) COMO
RIZOMA DOS COTIDIANOS**

**REMEMBERING, RESISTING, AND REINVENTING:
THE RESEARCH GROUP ON TEACHING AND CYBERCULTURE (GPDOC) AS A RHIZOME OF
EVERYDAY LIFE**

**REMEMORAR, RESISTIR Y REINVENTAR:
EL GRUPO DE INVESTIGACIÓN DOCENCIA Y CIBERCULTURA (GPDOC) COMO RIZOMA DE LO
COTIDIANO**

Mirian Maia do Amaral¹

RESUMO

Nesse artigo, sob a forma de um ensaio, analiso como o Grupo de Pesquisa Educação e Ciberultura (GPDOC) se configura como território vivo de produção de conhecimento, no qual se entrelaçam experiências, afetos e perspectivas diversas, revelando a força rizomática dos cotidianos na construção coletiva de saberes e sentidos. Fundamenta-se na cosmopercepção² do pensador quilombola Nêgo Bispo (2021; 2023), que ao se afastar da visão eurocêntrica dominante, articula reciprocidade, circularidade e ancestralidade, e na filosofia de Deleuze (2011; 2018) com seus conceitos de rizoma, diferença e repetição. Discuto a docência como prática crítica e criadora nos cotidianos (Certeau 2013; Alves, 2008; Oliveira, 2023) e a ciberultura como território híbrido de circulação de memórias e de colonialidade digital (Santos, 2019). Nessa perspectiva, concluo que o Grupo constitui um dispositivo ético, estético e político de produção de conhecimentos comprometido com a transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidianos. Memória. Rizoma. Ciberultura. GPDOC.

ABSTRACT

In this article, written as an essay, I analyze how the Research Group on Education and Cyberculture (GPDOC) constitutes a living territory of knowledge production, where experiences, affections, and diverse perspectives intertwine, revealing the rhizomatic strength of everyday life in the collective construction of meanings and knowledge. It is grounded in the cosmoperception of the quilombola thinker Nêgo Bispo (2021; 2023), who, by distancing himself from the dominant Eurocentric view, articulates reciprocity, circularity, and ancestry, and in Deleuze's philosophy (2011; 2018), with his concepts of rhizome, difference, and repetition. I discuss teaching as a critical and creative practice within everyday life (Certeau, 2013; Alves, 2008; Oliveira, 2023) and cyberculture

Submetido em: 23/10/2026 – **Aceito em:** 12/03/2026 – **Publicado em:** 15/03/2026

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estácio de Sá. Pós-doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura do Programa de Pós-graduação em Educação (PROPED GPDOC-UERJ/UFRRJ) e subcoordenadora do Grupo de Pesquisa Sociabilidades, Ciberultura e Educação (SoCib -UERJ).

² Mais do que uma visão de mundo, consiste em uma prática cotidiana que orienta modos de viver, cultivar, cuidar e resistir.



as a hybrid territory for the circulation of memories and digital coloniality (Santos, 2019). From this perspective, I conclude that the Group constitutes an ethical, aesthetic, and political device for the production of knowledge committed to social transformation.

KEYWORDS: Everyday life. Memory. Rhizome. Cyberculture. GPDOC.

RESUMEN

En este artículo, en forma de ensayo, analizo cómo el Grupo de Investigación Educación y Ciberultura (GPDOC) se configura como un territorio vivo de producción de conocimiento, en el cual se entrelazan experiencias, afectos y diversas perspectivas, revelando la fuerza rizomática de los cotidianos en la construcción colectiva de saberes y sentidos. Se fundamenta en la cosmo percepción del pensador quilombola Nêgo Bispo (2021; 2023), quien, al apartarse de la visión eurocéntrica dominante, articula reciprocidad, circularidad y ancestralidad, y en la filosofía de Deleuze (2011; 2018) con sus conceptos de rizoma, diferencia y repetición. Discuto la docencia como práctica crítica y creadora en los cotidianos (Certeau, 2013; Alves, 2008; Oliveira, 2023) y la ciberultura como territorio híbrido de circulación de memorias y de colonialidad digital (Santos, 2019). Desde esta perspectiva, concluyo que el Grupo constituye un dispositivo ético, estético y político de producción de conocimientos comprometido con la transformación social. (10pts – negrito - justificado)

PALABRAS CLAVE: Cotidianos. Memoria. Rizoma. Ciberultura. GPDOC.

O GESTO PARA ALÉM DA FORMALIDADE

No cenário contemporâneo, marcado pela liquidez das relações, pela instabilidade dos vínculos e pela precariedade das certezas (Bauman, 2007), o grupo de pesquisa Gpdoc emerge como contrafluxo: território que, mesmo fluido e rizomático, cria laços, produz pertencimento e sustenta experiências de criação coletiva, buscando formas outras de navegar na incerteza. Transforma, desse modo, fragilidade em força inventiva.

Pensar esse dispositivo como território existencial de transformação é deslocar o olhar de uma lógica burocrática e produtivista para uma lógica de encontros, de invenção e de partilha (Alves, 2008; Santos, 2019). Não se trata apenas de um espaço acadêmico no qual relatórios, discussões, artigos ou comunicações científicas são produzidos e, sim, de uma rede viva de saberes e afetos que busca compreender os fenômenos da ciberultura criando, mediando e avaliando currículos, fundamentado epistemo e metodologicamente nos princípios da pesquisa-formação. Nessa perspectiva, conecta pesquisadores, educadores e comunidades em torno de experiências, perspectivas e práticas diversas, tecidas nas relações, nos encontros e nas partilhas. Portanto, um território no qual a produção acadêmica se reafirma como *ato ético*, ao reconhecer a pluralidade de vozes; *ato estético*, ao valorizar a sensibilidade e a criação; e *ato político*, ao tensionar discursos hegemônicos e afirmar outras epistemologias possíveis. Desse modo, sustenta e amplia a educação como campo vivo, em permanente movimento e reinvenção.



Nesse horizonte, o pensamento de Nêgo Bispo (2023), ao reivindicar a potência da oralidade e propor a ideia de contracolônização, e, ainda, tensionar a centralidade da escrita e da razão ocidental na produção do conhecimento, constitui chave fundamental de análise, na medida em que nos convida a perceber o grupo de pesquisa como espaço insurgente, no qual vozes invisibilizadas pela colonialidade encontram abrigo, eco e ressonância. Desse modo, não apenas produz ciência, mas inventa novas formas de existir, sentir e aprender, ao possibilitar a emergência de epistemologias que escapam à lógica do monoculturalismo acadêmico.

Essa visão dialoga com Deleuze e Guattari (2011), que compreendem o território existencial como aquilo que dá consistência à vida; o chão provisório sobre o qual se constroem ritmos, relações e modos de estar. O grupo de pesquisa nesse contexto é rizoma: não se estrutura em hierarquias rígidas, mas em linhas que se encontram, se cruzam, se desviam e se recriam. É também campo de desterritorialização e reterritorialização permanente, no qual os sujeitos se reinventam, produzindo não apenas conhecimento, mas também modos de existir em comum.

Ao trazer a pesquisa com os cotidianos como prática epistemológica que valoriza os saberes múltiplos - aqueles que habitam os interstícios da vida ordinária e escapam às grandes narrativas -, Alves (2008); Certeau (2013); Oliveira (2023) entre outros, ampliam esse entendimento. Desse modo, o GPDOC se deixa atravessar por essa perspectiva tornando-se '*espaçotempo*' de escuta, de legitimação e de reconhecimento de experiências diversas, no qual a vida cotidiana não é apenas objeto, mas condição e potência de criação.

Santos (2019) nos provoca a pensar o grupo de pesquisa no contexto da ciberultura, em que as redes, a partilha e os processos de coaprendizagem configuram modos *outros* de produzir conhecimento em coletividade. Para a autora, pesquisar é formar o outro e formar a si mesmo; e o grupo de pesquisa é, nesse sentido, uma instância de produção de autoria coletiva, de experimentação metodológica e de exercício político de resistência à lógica tecnicista, que persiste em habitar a academia.

Com efeito, a partir das contribuições desses autores e, compreendendo o grupo de pesquisa como um território existencial em que se aprende a resistir, a criar e a conviver, esse ensaio reflete como o GPDOC se configura como um espaço de ancestralidade ativa e invenção de futuros possíveis.

A OPÇÃO PELO ENSAIO CRÍTICO-REFLEXIVO: FUNDAMENTOS ÉTICOS, EPISTÊMICOS E POLÍTICOS



A escolha desse artigo, sob a forma de um ensaio crítico-reflexivo, transcende uma preferência estilística, constituindo uma decisão metodológica radicalmente ancorada em uma epistemologia contemporânea, que desafia os paradigmas da neutralidade e da objetividade positivista, alinhando-se a um conjunto de autores que concebem o conhecimento como uma prática situada, corporificada e intrinsecamente política.

Nessa perspectiva, o ensaio consiste em um território em que se exercita a arte de fazer e a bricolagem de conceitos e experiências; uma forma de pensamento vivo e indagador, que expressa uma "razão poética"³ (Zambrano, 1996), capaz de acolher o mistério, o não dito e a complexidade do real, sem reduzi-lo a categorias rígidas.

Dessa forma, afirma-se não apenas como um gênero textual, mas como um modo de existência no pensamento e um posicionamento ético, que aposta na abertura ao outro, na escuta sensível, como propõe Larrosa (2002, p. 21) em sua filosofia da experiência, quando afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca). Afirma-se, ainda, na coragem de não fechar questões, mas de mantê-las abertas, como perguntas que mobilizam novos começos e novas formas de habitar o mundo.

O COTIDIANO COMO SOLO FÉRTIL: CIRCULARIDADES, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS

O cotidiano, não raras vezes, é confundido com aquilo que sobra da vida; o que não brilha, não é notícia, não ocupa as vitrines da história oficial. Mas, se olharmos com atenção, veremos que é justamente nesse chão de repetições que se gestam a maior parte das invenções humanas. O que parece banal é, na verdade, solo fértil, úmido de memórias, atravessado por resistências; um ‘*espaçotempo*’ de circularidade, em que se entrelaçam processos educativos, sociais e culturais, e a vida se refaz a cada dia, como movimento criador, tecido de saberes, memórias e insurgências.

Para Alves (2008), o cotidiano é o lugar de onde partimos e ao qual sempre retornamos. É nele que os saberes se forjam e são partilhados, entre redes, conversas, práticas e memórias. ‘*Espaçotempo*’ de produção epistemológica, no qual se gestam os processos educativos, de

³ Consiste em uma forma de conhecimento que busca integrar razão e poesia, superando a cisão entre o pensamento filosófico racional e a expressão poética intuitiva.



modo rizomático (Deleuze; Guatarri, 2011), sem linearidade e sem a lógica de causa e efeito previsível.

Ferraço (2007) ratifica essa perspectiva, ao enfatizar que os cotidianos são territórios de invenção e de resistência, nos quais os sujeitos não apenas recebem imposições, mas criam brechas para fazer valer seus modos próprios de viver e de ‘*aprenderensinar*’. Oliveira (2023), por sua vez, ao trazer o conceito de “desobediência epistêmica”, ajuda-nos a pensar o cotidiano como fronteira, na qual as epistemologias subalternizadas se manifestam e resistem às epistemes dominantes, e o que parece trivial esconde um gesto de insubordinação: cozinhar de certo modo, contar histórias, cultivar plantas, transmitir uma canção, tudo isso é memória encarnada; é modo de manter vivo o que a colonialidade tenta apagar, ressalta a autora.

Sob esse olhar, o cotidiano deve ser compreendido como campo metodológico, no qual o pesquisador precisa aprender a ver a densidade da vida comum; aquilo que se repete, mas nunca é idêntico (Deleuze, 2018). Cada gesto, cada prática, cada memória que circula é atravessada por historicidades, disputas e resistências, o quer requer escuta paciente, pois cada detalhe guarda mundos inteiros. É preciso aprender a ver o que não costuma ser visto: o fio que costura o viver de cada dia.

É nesse ponto que a reflexão encontra ressonância com Nêgo Bispo (2021; 2023), quando afirma a circularidade como fundamento da vida, recusando-se à linearidade colonial, que nos ensina a olhar o tempo como sucessão de etapas rumo a um suposto progresso. Para o autor, a vida se organiza em “começo, meio, começo”, numa espiral regenerativa, em que as práticas cotidianas carregam a potência de manter vivas as memórias ancestrais e projetar futuros não coloniais.

Desse modo, em vez de reduzir o cotidiano à mera repetição, é preciso compreendê-lo como território político, no qual se entrelaçam processos educativos, sociais e culturais. É nele que a vida se refaz a cada dia, não como rotina mecânica, mas como movimento criador, tecido de saberes, memórias e resistências. Memórias, porque nele sobrevivem os rastros das histórias silenciadas, passadas de geração em geração nos interstícios da vida; resistências, porque nele se inventam e reinventam modos de viver que escapam ao controle disciplinador da modernidade colonial.

Portanto, é nesse ‘*espaçotempo*’, entre o ‘tornar-se’ e o ‘reconhecer-se’ como membro do grupo, que o sentido de pertencimento emerge como prática cotidiana.

Ser membro de um grupo, como nos lembra Coulon (1995), não é um destino traçado a priori, mas um gesto que se repete e se renova no cotidiano. A pertença não nasce pronta, tampouco se resume a um rótulo ou a um lugar assegurado; ela se faz no movimento, no entrelaçamento



de vozes, gestos e olhares que, pouco a pouco, vão tecendo o reconhecimento mútuo. É sempre processo, nunca ponto de chegada.

Como sinalizado em minha Tese de Doutorado, em 2014 (Autor, 2014), ao longo dos anos, vivenciamos, como professores, diferentes modos de ‘*sentirpensar*’; uma variedade de práticas, de estratégias e de táticas, que nos possibilitam fazer o que fazemos e, principalmente, o que vamos fazer, numa atitude responsiva e responsável.

Desse modo, a descoberta de ‘*espaçotempos*’ de interação e diálogo - presenciais e *online*, em diferentes redes educativas do Programa de Pós-graduação em Educação – PROPED/UERJ e, mais recentemente, no PPGEDUC /UFRRJ, bem como as discussões contínuas travadas com diferentes praticantes dessas redes, contribuíram e continuam a contribuir para que, como membros do Grupo de Pesquisa Docência e Ciberultura - GPDOC, dominemos a linguagem institucional e reconheçamos suas regras implícitas, compartilhando situações de aprendizagem e tecendo o conhecimento, de forma contínua.

Coulon (1995, p. 48) concebe como membro de um grupo,

uma pessoa dotada de conjunto de modos de agir, de métodos, de atividades, de *savoir-faire*, que a fazem capaz de inventar dispositivos de adaptação para dar sentido ao mundo que a cerca. É alguém que (...) exhibe - naturalmente a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar.

Nesse horizonte, o grupo não é uma entidade abstrata, mas um corpo vivo, que respira e pulsa por meio de suas práticas partilhadas. Cada regra, cada silêncio, cada palavra reiterada ou desviada, inscreve-se como fio na trama da convivência. Entrar nesse tecido exige aprender a ler seus sinais, a interpretar suas marcas invisíveis, a se afinar com uma linguagem que, ao mesmo tempo em que acolhe, também delimita. Ser membro é, portanto, um exercício de tradução constante: traduzir-se para o outro e deixar-se traduzir pelo outro.

Mas essa pertença, longe de ser homogênea, carrega a tensão de seus próprios limites. É preciso lembrar que todo reconhecimento traz em si a sombra da exclusão: o que é aceito de um lado, é recusado de outro. Pertencer, portanto, é também experimentar as bordas, as hesitações, as zonas de fricção onde se decide, a cada instante, o que permanece e o que se transforma. É nesse limiar que o grupo se reinventa, sustentando-se na delicada arte de negociar diferenças.

Essa visão ilumina o cotidiano escolar não como simples cenário de transmissão de saberes, mas como território de práticas de pertença. O grupo de pesquisa, nesse sentido, não é apenas locus de aulas, horários e conteúdo, mas, sobretudo, ‘*espaçotempo*’ no qual sujeitos se constituem no reconhecimento do outro. Nessa perspectiva, orientadores e orientandos não são



membros apenas por portarem títulos ou estarem inscritos em listas, mas por se implicarem na tecitura do comum: rituais, conversas, modos de habitar o tempo e de partilhar sentidos.

A pertença, enfim, é um gesto reiterado de aproximação, que nunca se esgota, pois está sempre em vias de se refazer. E talvez seja nesse caráter inacabado, nesse eterno ‘tornar-se’, que resida sua potência mais profunda: a de nos lembrar que viver em grupo é, antes de tudo, *uma arte do encontro*.

A FORMAÇÃO NO GRUPO DE PESQUISA: UMA JORNADA DE ‘SIGNIFICADOSSIGNIFICAÇÕES’

A formação em um grupo de pesquisa assemelha-se a uma trilha coletiva, na qual cada caminhante é, ao mesmo tempo, orientando e orientador. Na ótica de Warschauer (2017), a tecnologia (e, por extensão, qualquer artefato cultural, como a pesquisa) só ganha significado na prática social. E essa jornada é sustentada por cinco princípios interligados que dão sentido ao processo.

Para a autora, a caminhada se inicia não por meio de um contrato, mas com um gesto de acolhimento. *Ser acolhido* é ser reconhecido - ainda que iniciante, como alguém que pertence. É o convite para entrar na roda, para compartilhar dúvidas e ideias sem o medo do julgamento. Consiste em um vínculo inicial que transforma um conjunto de indivíduos em um coletivo; é a base de confiança, sem a qual nenhuma aprendizagem profunda se revela.

Aprender fazendo é o princípio que coloca o pesquisador em ação desde a sua entrada no grupo. Seja na elaboração de um projeto, na revisão da literatura ou na produção de dados, o conhecimento deixa de ser abstrato para ser coletivo. Como a autora enfatiza, ‘o caminho se faz caminhando’, pois o significado se constrói na ação. Nesse contexto, erros não são fracassos, mas curvas no caminho que revelam novas perspectivas e ajustes necessários.

Aprender crescendo não é apenas acumular informações; é um processo de transformação identitária. Refere-se ao desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensar crítico. O pesquisador que inicialmente segue as orientações, pouco a pouco ganha confiança para questionar, propor novos rumos e assumir responsabilidades. Ele não apenas ‘sabe mais’; ele ‘se torna mais’ - um sujeito capaz de contribuir com autoridade para o campo.

No entanto, nenhum caminhante avança sozinho. O *aprender trocando* é o princípio da inteligência coletiva. É o debate consistente após uma leitura, a sugestão de um artigo que ilumina uma questão, a escuta atenta das experiências dos outros. Essa troca constante é



o combustível da criatividade, pois expõe cada membro a pontos de vista diversos, desnatura certezas e faz da diferença uma força propulsora. É na conversa que as ideias são polidas e se complexificam.

Por fim, a caminhada precisa deixar seus rastros, suas digitais. O *certificar praticando* é o princípio que valoriza a produção de um legado tangível. Não se trata apenas de um certificado formal, mas da materialização do aprendizado em artigos, apresentações, participação em eventos, relatórios ou intervenções na comunidade. É o momento em que o conhecimento internalizado se abre ao mundo, validando o percurso e tornando o pesquisador um agente de transformação.

Esses princípios são, portanto, fios que se entrelaçam ao longo de toda a caminhada, expressos por meio do constante *acolhimento, do fazer* - no qual o 'crescimento' e a 'troca' se manifestam-; e na *certificação*, que celebra tudo isso.

Nessa perspectiva, a formação no grupo de pesquisa é um processo de humanização ampliada, no qual os laços relacionais criados não são apenas um meio para um fim, mas a própria essência de uma aprendizagem que nos transforma como pesquisadores e como pessoas. A jornada, no fim das contas, não é sobre chegar a um destino, mas sobre se tornar diferente ao caminhar junto.

A DOCÊNCIA COMO PRÁTICA CRÍTICA E CRIADORA: TECENDO O FIO DA MEMÓRIA E DA RESISTÊNCIA

Alves (2008) destaca que o cotidiano escolar e acadêmico é terreno de invenção e cuidado com os saberes, no qual '*aprenderensinar*' se articulam às relações éticas e afetivas. Nesse contexto, a docência GPDOC, vinculadas às memórias e resistências de seus membros, torna-se prática crítica e criadora, não estando afeta tão somente à atuação do docente-orientador, mas se estendendo a qualquer integrante do grupo: uma prática intercomunicativa, na qual professores, estudantes e pesquisadores dialogam, trocam experiências e constroem coletivamente o conhecimento. Desse modo, deixa de ser a reprodução de um cânone para se tornar uma práxis crítica e criadora; uma ação reflexiva que transforma a realidade.

Nessa perspectiva, o protagonismo do processo de '*aprenderensinar*' se desloca do indivíduo para o coletivo relacional, emergindo das interações entre seus membros. Com efeito, nas confluências, ou seja, nos encontros de trajetórias diversas - pessoas e saberes se reconhecem e se entrelaçam, produzindo novas composições. Do mesmo modo, nas transconfluências, ou

seja, nos atravessamentos que transformam os próprios fluxos, emergem novos modos de pensar, agir e produzir conhecimento (Nêgo Bispo, 2021).



Figura: Fluxos cotidianos

Fonte: Imagem criada pela Ia-Gen (ChatGPT)

Assim, o grupo de pesquisa se transforma em laboratório de práticas educativas, no qual ensino, investigação e vida se entrelaçam em ciclos contínuos de colaboração, aprendizagem e criação. A docência, nesse contexto, é a ação de criar coletivamente o conhecimento, valorizando memórias, trajetórias de vida, lutas sociais e práticas culturais, criticando os fundamentos estabelecidos e ousando imaginar outros possíveis.

Nessa ambiência, a memória não é um arquivo empoeirado, mas o ‘arquivo’ dos rastros das histórias silenciadas, passadas de geração em geração nos interstícios da vida; um campo de batalha simbólica. Recuperar essas vozes silenciadas pela história oficial, os saberes tradicionais marginalizados pela ciência hegemônica, as práticas pedagógicas esquecidas – tudo isso é um ato de resistência, porque nele se inventam e reinventam modos de viver que escapam ao controle disciplinador da modernidade colonial.

Se entendermos metaforicamente o grupo de pesquisa como um rio de confluências e transfluências, a cibercultura é o oceano no qual esse rio deságua. Ela amplia os territórios do cotidiano de maneira sem precedentes. A "sala de reuniões" já não se restringe a um espaço físico e temporal delimitado; estende-se para grupos de *WhatsApp*, fóruns de discussão no SIGAA, redes sociais acadêmicas, bibliotecas virtuais compartilhadas, *lives*, oficinas e videoconferências, que conectam pesquisadores de diferentes partes do mundo.



Essa ampliação não é apenas quantitativa (mais pessoas, mais informações), mas qualitativa. Ela oferece novas formas de circulação que desafiam as lógicas convencionais de publicação e reconhecimento acadêmico. Um *thread* no Xis pode ser o espaço de uma discussão teórica ágil; um *blog* pode abrigar a versão preliminar de um artigo, submetida ao crivo de uma comunidade mais ampla; um *podcast* pode divulgar pesquisas em um formato acessível e criativo. A cibercultura possibilita uma ciência em tempo real, mais aberta, colaborativa e menos hierárquica.

No entanto, essa expansão não é isenta de contradições. A mesma lógica que amplia o território também pode fragmentá-lo, criar bolhas de informação e exigir uma curadoria constante contra o ruído e a desinformação. A docência crítica, nesse novo território, inclui a tarefa de desenvolver uma alfabetização midiática profunda, ensinando a navegar, criticar e produzir nesse ecossistema complexo, transformando o consumo passivo em participação ativa e consciente.

NOS COTIDIANOS DO GRUPO - A SEMENTE DO DEVIR

Como abordado, ao longo desse artigo, a experiência de ser e fazer parte de um grupo de pesquisa que abraça a pesquisa-formação multirreferencial com os cotidianos não é um mero exercício acadêmico; é uma prática de insurgência epistêmica. Longe dos cânones tradicionais que separam o sujeito do objeto e elevam o saber científico a uma ‘torre de marfim’, essa prática nos joga no chão movediço e fértil da vida comum. E é, nesse espaço de confluência, que a pesquisa se revela não apenas núcleos de produção de conhecimento, mas também espaços de ancestralidade ativa, de potência, de transformação e abertura para o novo, e de invenção de futuros possíveis.

O grupo de pesquisa, nesse sentido, constitui o germe que não apenas investiga o mundo como ele é, mas também o mundo como ele pode vir a ser, cultivando ideias, tensionando paradigmas, e muitas vezes não raras vezes, questionando epistemologias e tecnologias, tornando-se, em seu cotidiano, um microcosmo de possibilidades, no qual o saber acadêmico dialoga com o saber comum, a intuição artística e a memória ancestral; a escuta se torna método e a ciência se compromete com a vida.

No entanto, essa tecitura não é pacífica: trata-se de um campo de tensão criativa no qual hierarquias são desafiadas e novas formas de compreensão emergem. A sala de aula física ou virtual converte-se em um território no qual se exercita a desobediência criativa necessária para pensar o mundo de modo *outro*; uma prática pedagógica que não teme a politicidade do ato educativo, mas a assume como fundamento.



Nesse contexto, a docência é reconfigurada: deixa de ser a transmissão unidirecional de conteúdo para se tornar uma práxis de memória e resistência. Orientador e orientandos tornam-se parceiros do processo de ‘*aprenderensinar*’, construindo pontes entre tempos, territórios e vozes silenciadas. A ciberultura, por sua vez, amplia significativamente o alcance e a complexidade desse território, expandindo as conversas e criando rizomas que atravessam corpos, territórios e tempos. Desse modo, tanto pode reproduzir lógicas de colonialidade digital, como conectar lutas, amplificar vozes marginalizadas e arquivar memórias sob risco de apagamento, possibilitando-nos construir uma ancestralidade digital, uma memória acessível às gerações que virão.

Nessa perspectiva, o grupo de pesquisa fundamentado nos cotidianos é mais do que um local de produção de conhecimento. É um projeto político-pedagógico em miniatura, um ensaio para uma sociedade mais justa e plural. Nele, experimentamos, em pequena escala, o que almejamos em uma dimensão maior: relações mais dialógicas, um saber sensível e ao mesmo tempo mais ousado, entendendo a educação e a pesquisa como atos de cuidado com o passado e de corajosa invenção do amanhã; porque, o futuro não é um lugar para onde vamos; é um lugar que começamos a construir, aqui e agora nos gestos aparentemente pequenos de acolhimento, escuta e criação coletiva que definem o cotidiano de quem ousa pesquisar *com*, e não *sobre* o mundo

Com efeito, o GPDOC não apenas investiga o mundo, mas o reencanta, ao afirmar que outro modo de fazer ciência é urgente: uma ciência que não se furta ao compromisso ético com a transformação social, e reconhece a potência dos cotidianos e dos saberes plurais, colocando-se, com coragem, ao lado da vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes. In: Oliveira, Inês, B.; Alves, Nilda (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas - sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

AUTOR, 2014

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BISPO, Antônio (Nêgo Bispo). *O começo, o meio e o começo*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

BISPO, Antônio (Nêgo Bispo); PEREIRA, Santídio. *A terra dá, a terra quer*. Ubu, 2023.



CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 20. ed., v. 1. Petrópolis: Vozes, 2013.

COULON, Alan. *Etnometodologia*. Petrópolis, Vozes, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. 4ª ed. Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed., v. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: 34, 2011

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>. Acesso em: 23 set. 2025.

LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan./fev./mar./abr.; nº 19, 2002.

OLIVEIRA, Inês B. de. *Pesquisando com os cotidianos: uma trajetória em processo*. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2023.

SANTOS, Edméa Pesquisa-formação na cibercultura. EDUFPI, 2019.

WARSCHAUER, Cecília. *Entre na roda! A formação humana nas escolas e nas organizações*. Rio de Janeiro, São Paulo: Paz e Terra, 2017.

ZAMBRANO, María. *Filosofía y poesía*. 4ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.